

O MANUAL E A MANUALIDADE

Écio Elvis Pissetta.
IFCS-UFRJ

Resumo: Este artigo consiste na tentativa de pensar a manualidade e o manual, conceitos fundamentais da obra *Ser e tempo* de M. Heidegger, como possibilidade de remissão e descoberta das coisas, melhor dizendo, dos entes tais como eles se dão na experiência da vida cotidiana. Por meio da manualidade, trabalhada existencialmente, buscamos pensar a gênese do ente, descrevê-la e refletir um pouco acerca deste acontecimento. Nosso propósito é de perceber que o ente, descrito como um manual a partir do modo de ser da manualidade, não possui o “jeito” das coisas objetivamente dadas. Ele expressa antes um complexo de possibilidades e, também, a constituição do ser humano. Para alcançar nosso intento usaremos alguns conceitos extraídos de alguns parágrafos de *Ser e tempo*, tais como: *pre-sença*, manualidade, manual, instrumentalidade, *ser-no-mundo*, *vida*, obra, tempo, futuro.

Palavras-chave: Filosofia, Heidegger, Pre-sença, Manualidade, Ação.

Abstract: This article is an attempt of thinking the handiness as a possibility of discovering the way of being of things, or rather of beings as they appear in daily dealings. Through the handiness as an existential, we look for the genesis of being. Some paragraphs from Martin Heidegger's *Being and time* guide our reflections. Our purpose is to perceive that the being described as manual from the perspective called handiness has not a way of being like a thing. It expresses a complex of possibilities and, as such, the human being constitution. In order to achieve this purpose, we will use some concepts from *Being and time* as *Dasein*, handiness, manual, *being-in-the-world*, instrumentality, work, time and future.

Key words: Philosophy, Heidegger, *Dasein*, Handiness, Action.

Introdução

Estamos tão envolvidos em nossos afazeres cotidianos, lidando com as “coisas”, que raramente chegamos a formular alguma pergunta acerca desta situação. Fazemos, é só. Não há nada que pensar ali. Geralmente, assim nos comportamos. Semelhante atitude não é de se estranhar, pois o mundo das atividades, da vida cotidiana, é tão banal, “tão natural”, tão comum, tão vulgar... O que é que pode haver de significativo, filosoficamente, num conjunto de relações tão corriqueiras, dadas a tantas mutações e imperfeições? Será que nesta banalidade há algo que seja digno de atenção? De fato, há algo. Este “comum”, de modos diferentes, sempre chamou a atenção da filosofia, sendo seu próprio alimento. Foi na primeira metade do século vinte que a “banalidade do cotidiano” tornou-se geradora de uma obra exemplar, *Ser e tempo*, de Martin Heidegger. A primeira parte deste livro, sobretudo até o parágrafo 18, serve como orientadora para a reflexão aqui elaborada. Refletir acerca de e desde o mundo da vida cotidiana corresponde ao esforço de pensar a composição do ente, isto é, o seu modo de ser em sua gênese, em seu estado de nascimento. Uma exigência simples, mas sempre difícil nos assola: para sermos tocados pelo que há na cotidianidade precisamos deslocar o nosso olhar investigador das idéias herdadas e estabelecidas que sempre carregamos conosco para a ação, para o ocupar-se humano com as coisas, para o lidar, para o usar. Assim também será pensada conjuntamente a questão norteadora de toda obra *Ser e tempo*: o que é o Homem?

O título “o manual e a manualidade” propicia um caminho de reflexão acerca do “ente”, apresentado aqui como “aquilo com o que lidamos”, o manual. A perspectiva a partir da qual o manual é abordado é a da manualidade (*Zuhandenheit*), um dos termos mais utilizados em *Ser e tempo*. Ali a *gênese* do ente é descrita. Não se trata de um “sujeito objetivamente concebido” que se propõe a descrever um ente também objetivo. Se fosse assim, homem e manual seriam tomados como entes já dados. Passaríamos por cima da questão de sua gênese. O manual aqui não é um ente que simplesmente ocorre, apesar desta ser uma possibilidade de apresentação, mas que nos desorientaria. A partir da polaridade sujeito-objeto, nosso trabalho localiza-se num espaço ausente, encoberto, escondido, silencioso, mas paradoxalmente desde sempre acessível. A impossibilidade de se apreender o manual como coisa-objeto não exclui a possibilidade de experimentá-lo. E isto significa: visá-lo em seu modo de ser. A busca pelo modo de ser pede uma descrição de “como” o que agora é, o manual, chegou a ser e apresentar-se numa determinada compreensão. Nisto reside nosso interesse filosófico: descrever a gênese do manual, descrevê-lo como fenômeno em alguns de seus possíveis momentos de aparecimento. O modo de ser do manual traz à tona o ente como um processo contínuo de aparecimento, processo oculto a toda representação que já conta com o ente, sem indagar pelo seu direito de ser. Assim, o ente é o que está à mão *segundo o modo da manualidade*. Mas o que significa isto? Como é este “estar” à mão? Deixaremos provisoriamente em suspenso estas perguntas para sucintamente nos aproximarmos um pouco da problemática de *Ser e tempo* e da linguagem investigadora que lhe serve de expressão.

1. Contextualizando nosso problema

Ser e tempo elabora uma investigação acerca do ser do Homem, o “*Da-sein*”. A tradução portuguesa escolheu o termo “*pre-sença*”. “*Da-sein*” e “*pre-sença*”, como palavras pensadas, já apresentam o rumo e o espaço de investigação acerca do ser do homem. Utilizaremos o termo *pre-sença* porque ele conserva, em sua formulação portuguesa, a tentativa heideggeriana de colocar a questão acerca do ser do homem e não simplesmente de pressupô-la como já respondida. *Sens, sein*, é “ser”. “Pré”, “Da” é o “ali”, o “lá”, o “aqui”, o “antes” e também o “depois”, e daí o “durante” e o “sempre”. Há, já neste termo, uma formulação de fundo, uma intuição orientadora: a de que a temporalidade e a espacialidade da *pre-sença* são-lhe “sinônimas”, isto é, não podem ser concebidas como categorias que lhe sejam, de alguma forma, acrescidas posteriormente. A *pre-sença* é, ela mesma, cada vez, sua temporalidade e espacialidade. O “pré” designa sempre o fato de, antes de tudo, a *pre-sença* já estar num certo engajamento, numa situação sempre determinada onde é e existe. Por isso, ela é existência: situada numa possibilidade de relação com os entes. Podemos compreender a “possibilidade” como a única “determinação” que lhe pertence, a de que ela pode ser. A existência da *pre-sença*, como seu modo de ser, distingue-se, de saída, da existência dos outros entes, tal como a tradição filosófica a compreendeu, isto é, como simples presenças destituídas do modo de ser do homem, como entes em si existentes, como seres simplesmente dados (*vorhandenes*) ou, como “coisas” em si existentes. A existência é a estrutura prévia, o espaço de jogo e a essência da *pre-sença*. Existir é ser numa relação em que a *pre-sença*, desde sempre, está necessariamente remetida a algo outro. Daí a necessidade de elaborar uma investigação que traga à tona as estruturas que compõem a existência e que são igualmente prévias: os existenciais, tais como ser-no-mundo, manualidade, ocupação, preocupação, *co-pre-senças*, disposição, compreensão, interpretação, de-cadência, cura etc.

Existindo, isto é, *sendo*, para a *pre-sença*, significa já sempre estar disposta e aberta para um mundo de possibilidades de relações. Desta forma, de saída, *pre-sença*, existência e mundo perfazem desde sempre um único acontecimento, o ser-no-mundo. O ser da *pre-sença*, sendo investigado distintamente do modo de ser dos outros entes, apresenta-a como o ente privilegiado, isto é, que detém em seu ser uma situação ímpar. Nenhum ente pode livrá-la de ter que se haver consigo mesma. Seu modo de ser, também, não consiste num saber ou idéia prévia já elaborado acerca de si mesma, ou seja, dela ser antecipadamente “racional”, “irracional”, “espírito”, “consciência” etc. Mas é certo também que a *pre-sença* não pode existir sem estar numa certa relação com os entes que estão “fora”, da mesma forma que ela não pode não ter uma certa “idéia” acerca de si mesma. Nesta contingência ela descobre os entes intramundanos e a si mesma. Mas tudo isso deve ser entendido existencialmente. Existindo, a *pre-sença* põe em suspenso toda compreensão simplesmente dada, coisificada, acerca de si mesma e, simultaneamente, acerca dos entes do mundo com os quais mantêm

relações essenciais. Antes de qualquer qualificação dada, ela já é sempre uma possibilidade de ser onde habita, existe, relaciona-se. Sendo numa possibilidade, que é sempre uma existência ou relação, ela detém então uma compreensão prévia dos entes com os quais está envolvida, as coisas e as outras *pre-senças*, como pré-condição da relação. Se não fosse assim, seria impossível a uma *pre-sença* pegar algo, pois ela não saberia “como” pegar. Mas não só isso. Compreendendo previamente os entes com os quais está em relação, ela também retira destes entes uma compreensão de seu próprio ser. Situada junto aos entes intramundanos, ela situa-se em seu ser. Quem compreende e o que é compreendido mantêm uma unidade de ser. Existencialmente, a *pre-sença* é ser sendo-com as outras *pre-senças* e as “coisas” no mundo, os manuais, isto é, fazendo a experiência de si como ser-no-mundo. Sendo, ela detém uma compreensão dos entes e de si mesma. Este é seu privilégio e este privilégio mostra-se como problema, pois, como é o modo de ser do ser-no-mundo que cada *pre-sença* desde sempre já é? Em *Ser e tempo* esta situação do homem é apresentada por meio de duas idéias: “a essência da *pre-sença* está em sua existência” e “o ser, que está em jogo no ser deste ente, é sempre meu”¹. A com-posição da *pre-sença*, como ser-no-mundo, perfaz em seus momentos uma dinâmica de remetimento. A *pre-sença*, sendo cada vez num mundo de relações, está jogada, disposta, para uma determinada possibilidade de ser junto às coisas e aos outros. Existindo, ela se encontra a si mesma e, completamente engajada numa relação determinada, ela tende a se compreender desde os entes com os quais se relaciona. Neste estado de ser encontramos geralmente a *pre-sença* cotidiana, envolvida no meio dos entes e das outras *pre-senças*, sujeita a constantes desvios, a errâncias, na construção de si mesma. Esta é sua de-cadência (*Verfallen*). Este termo não possui nenhuma conotação pejorativa, como se expressasse uma situação indigna da *pre-sença*. Cotidianamente ela é assim. Sobretudo na primeira parte de *Ser e tempo* há a descrição da *pre-sença* cotidiana envolvida com as coisas e os outros. Existir, ser, é movimento de assumir-se, conquistar-se, e de abandonar-se para uma nova possibilidade de si mesma.

Fazendo uma descrição da existência da *pre-sença*, *Ser e tempo* procura as estruturas mais gerais deste ente privilegiado, desde as quais ele é num mundo de relações. Estas estruturas pertencem à cotidianidade mediana da *pre-sença*, como ela é geralmente. Semelhantes estruturas, após terem sido conquistadas como fenômenos fundamentais da *pre-sença* (existenciais), servem como indicadores para uma recolocação da mais problemática de todas as questões, a do sentido do ser em geral. Mas, para isso, é necessário primeiro colocar a questão acerca do ser da *pre-sença*, a analítica existencial. A descrição do manual em sua manualidade é a porta de acesso a essa problemática. Em sua imediatidade, antes de tudo e na maioria das vezes, antes de qualquer “saber” explícito acerca de si mesma e dos outros entes, como é o modo de ser da *pre-sença*? É relação com as coisas e com os outros. *Como* é esta relação? Com esta pergunta estamos

¹ M. HEIDEGGER, *Ser e tempo*, Trad. de Márcia de Sá Cavalcanti, Petrópolis, Vozes, 1988, § 9, p. 77-78.

pedindo uma descrição do modo de ser relação da *pre-sença*. Na lida cotidiana encontramos o modo de relacionar-se da *pre-sença*. Com isso retornamos às questões abandonadas no fim da introdução.

2. A banalidade da lida

Em seu modo de ser relação com os outros e com as coisas, antes de tudo, a *pre-sença* é lida, manualidade. Antes de tudo a *pre-sença* é e está, como ser-no-mundo, lidando. Relacionar-se é lidar. É preciso, então, descrever o modo de ser da lida. Mas nosso título diz “o manual e a manualidade”. É que lidar é sempre lidar com algo (o manual), seja o que for, e a lida não é um mero verbo ou substantivo, mas um modo de ser (manualidade) e, segundo *Ser e tempo*, o modo fundamental de ser da *pre-sença* desde onde aparecem os entes, as coisas, em seu ser. A *pre-sença*, sendo, está lidando. Procuraremos expor a experiência da *pre-sença* lidando, e nos restringiremos à lida com as coisas, com os manuais. É certo que semelhante restrição nunca é completamente possível, pois na lida, como ser-no-mundo, a *pre-sença* se relaciona com a totalidade de seu mundo, onde estão incluídos tanto os objetos manuais quanto às outras *pre-senças*. Elas não são aqui abordadas explicitamente. Lidar com as coisas é o envolvimento com o que está à mão, com o que estamos continuamente nos ocupando e não simplesmente com coisas “materiais”, “palpáveis”. Nosso objetivo é apresentar como a coisa, o manual, o ente, aquilo com o que se lida, aparece na imediatidade de ser da *pre-sença*. Descrevendo a lida, estaremos apresentando o manual em seu modo de ser; descrevendo a gênese do manual, estaremos apresentando o modo de ser da *pre-sença* como relação. E nisso a manualidade mostrar-se-á como a estrutura fundamental para a compreensão da *pre-sença* como existência. Trata-se de uma estrutura norteadora de toda obra, uma “estrutura prévia” e, por isso, determinante de qualquer ulterior modo de investigação. A manualidade e seus desdobramentos, também prévios, estão sendo sempre pressupostos, isto é, sendo sempre pré-sabidos pela *pre-sença* em todas as suas formas de agir e de pensar. A descrição da manualidade apresenta exemplarmente o jogo de relações que ocorrem num estrato anterior a toda conceituação que visa fundamentar e explicar o ente. Este jogo acontece na banalidade cotidiana com que lidamos com as coisas.

A descrição da manualidade tem como objetivo demonstrar o próprio “jeito” de ser da *pre-sença* em sua cotidianidade mediana. Cada *pre-sença* tem o seu “jeito” e o que há de comum entre todas as *pre-senças* é a “idéia” de “jeito”. Mas “jeito”, modo de ser, não é nada que possa simplesmente ser definido objetivamente. Demonstrar o modo de ser da *pre-sença* envolve uma descrição dos modos mais comuns de ser deste ente privilegiado. Na “banalidade” do cotidiano a *pre-sença* se mostra como ela é. Antes de qualquer idéia que uma *pre-sença* possa ter acerca de si mesma, idéia teórica ou prática, o fundo genético da *pre-sença* já se apresentou nas relações cotidianas. A descrição assume, então, um aspecto prático (pois se remete à práxis cotidiana), procurando encontrar o manual, o ente,

a partir dele mesmo, isto é, antes de qualquer determinação conceitual, tanto teórica quanto prática, acerca da essência do ente. Uma *pre-sença* (“quem faz”) e o manual (a coisa, o objeto, o ente, o que é feito) são buscados a partir do próprio *fazer*, da própria *ação*, que é geradora cada vez de *pre-sença* e de manual. Sempre há uma *pre-sença* determinada, localizada, disposta para uma possibilidade sempre determinada de relação. No entanto, a descrição da lida difere da descrição em que um sujeito “que faz algo” possa se dar simplesmente junto com um objeto “que é feito”, para então, a partir daí, conscientemente fazer uma descrição desta experiência. O encontro de um sujeito em si com um objeto em si é apenas uma possibilidade de relação; a descrição deste encontro é uma outra possibilidade de relação; o ponto de vista segundo o qual se pode descrever este encontro é ainda outra possibilidade de relação.... Nesta possibilidade permanece oculto o modo de ser que caracteriza toda relação. Este modo aparece na lida. Sujeito e objeto, desde o horizonte da manualidade, da lida, são *a posteriori*.

3. O que é a manualidade?

O termo “manualidade” sugere o fazer, a fabricação, a ação com as mãos. Mas a mão não deve ser vista aqui como um órgão do corpo humano separado de seu conjunto. A mão manifesta o modo de ser mais próximo da *pre-sença*. A *pre-sença*, num lance, de imediato, como lançada para fora de si mesma, já está lidando, se envolvendo com os entes intramundanos. Se, por um lado, podemos facilmente perceber que não somos nem esta mesa, ou aquela cadeira, ou aquele vegetal etc., e nem meu vizinho, ou qualquer outra *pre-sença*, por outro lado é impossível qualquer vida da *pre-sença* sem estar previamente remetida a estes entes. São intramundanos todos os entes que aparecem nesta relação, que aparecem desde a lida num conjunto possível ligações. Uma *pre-sença*, sendo o que é e como é, já está sempre manuseando. Esta ligação com a mão deve ser fenomenalmente pensada de tal maneira que, na *pre-sença*, todas as suas “partes” possuem o “jeito” da mão: o pé, a cabeça, o olho, os sentidos, os sentimentos, e tudo o que é sentido, pisado, pensado, visto etc. Isto assume uma tal radicalidade que podemos dizer ser a *pre-sença* fenomenologicamente a mão. Daí também a necessidade de tornar claro desde o início qual é a essência da manualidade, qual o modo de ser da mão. Esta diverge, em princípio, de uma *idéia geral* que pertença a todos os entes manuseáveis. Sua essência não é nenhuma quiddidade, no sentido de um gênero que subsiste, como a “arvoridade” subsiste a todas as árvores particulares.

“A demonstração fenomenológica do ser dos entes que se encontram mais próximos se faz pelo fio condutor do ser-no-mundo cotidiano, que também chamamos de *modo de lidar* no mundo, e com o ente intramundano. Esse modo de lidar já sempre se dispersou numa multiplicidade de modos de ocupação. (...) O modo mais imediato de lidar não é o conhecimento meramente perceptivo, e sim a ocupação no manuseio e uso, que possui um ‘conhecimento’ próprio. A questão

fenomenológica vale sobretudo para o ser dos entes que vem ao encontro nessa ocupação”².

Lidar é ocupar-se. São infinitos os modos de ocupação. A manualidade expressa o “ser modo” de toda ocupação. É sempre numa lida ou ocupação determinada que vamos encontrar a *pre-sença* em seu ser. Antes de qualquer outra determinação, a *pre-sença* aparece imediatamente no modo da manualidade. No modo da manualidade, isto é, lidando, a *pre-sença* já é, antes de qualquer conhecimento teórico, antes de qualquer conhecimento de um sujeito acerca de um objeto. A ocupação como manuseio e uso é o modo primeiro e mais imediato de que dispõe a *pre-sença* em seus relacionamentos. Como a própria palavra “lidar” já sugere, não se trata de um modo que é apreendido previamente por um sujeito e que posteriormente encaminha-se ao mundo e lá faz alguma coisa. Lidar designa um engajamento prévio. Podemos também chamá-lo de engajamento “prático”, contanto que entendamos esta praticidade independentemente da oposição prático-teórico muito em voga. Prático aqui não diz “carente de teoria”, mas simplesmente que a *pre-sença* está submetida a um fazer, que é impossível não estar submetida a um fazer, e que este fazer já é todo “teoria”, sem necessitar de nenhuma construção teórico-objetiva. A lida é prática e teórica, da mesma forma que a ciência é também teórica e prática. A lida, como modo de ser da *pre-sença*, dispõe previamente de sua teoria característica, inerente ao seu procedimento, isto é, já é previamente também teórica. Por comparação assim também são as ciências. Elas, geralmente compreendidas como atividades teóricas, também já dispõem previamente de uma prática inerente ao seu próprio procedimento teórico. Sua prática é sua teoria e vice-versa. No entanto é bom termos em mente que, segundo *Ser e tempo*, o modo de lidar mais imediato é o da manualidade e não o científico.

O acesso à lida pede que coloquemos sob suspeita a compreensão corriqueira de prática. A *pre-sença* encontra-se com os entes intramundanos que vêm ao encontro manuseando-os, usando-os. *Ser e tempo* expressa essa relação primária da *pre-sença* com as “coisas” com a palavra “mão” (*Hand*). O manual é o que está à mão. Pensar o modo da lida, o modo prático de ser que pertence à *pre-sença*, é pensar a mão, tematizar as possibilidades de ser que pertencem à mão.

A mão não é na *pre-sença*, já dissemos, um simples membro do corpo. Facilmente percebemos que com ela fazemos e manuseamos coisas. Tudo o que fazemos adquire uma forma de uso, de utilizável, um aspecto de ser acessível à mão, isto é, à *pre-sença*. No entanto, esta caracterização é ainda externa, isto é, não vê a essência da mão e do que é manuseável. A mão não designa apenas aquilo que o membro-mão faz. Ela designa o modo, o “jeito” *como* faz. E “modo” não quer dizer simplesmente que determinada ocupação possui uma “qualidade” específica que a distingue de outras ocupações, mas que a *pre-sença*, *em cada ocupação* (modo de ser), seja ela qual for, desvela (“faz” aparecer) o ente, a coisa, o manual, assim *como* ele é, isto é, em seu ser. Não há manual “fora” da manualidade; não há ente “fora” desta relação primária. E neste “jeito” incluem-se todas as coisas que o membro-mão não pode tocar diretamente, como um

² Ibidem, § 15, 108.

sentimento, uma fantasia, uma estrela, uma palavra, um conhecido ou desconhecido distante etc. Mesmo onde o membro-mão não chega, sempre já chegou o jeito-mão. Pisando, o pé é mão. Vendo, o olho é mão. Pulsando, o coração é mão. Nada fazendo, a mão “faz” nada. Com isso, dizemos que na lida o que é primeiro é a ação, o fazer, o movimento de vir a ser mão da própria mão. Outros animais até podem ser dotados de membros que recebem o nome de “mão” ou “pata”. No entanto nada fazem em sentido humano. A *pre-sença* é tão “mão” que, mesmo na ausência deste membro, o que mais se apresenta é o caráter fazedor da *pre-sença*. A mão faz aparecer a *pre-sença* em seu ser. O desdobramento desse existencial (a manualidade) tem como objetivo demonstrar como é a *pre-sença* ocupando-se com as coisas, lidando com as coisas em sua cotidianidade mediana.

A manualidade (*Zuhandenheit*) é assim o modo de lidar mais imediato e inclusivo, desde onde salienta-se o caráter fazedor (de mão) da *pre-sença*.

“Denominamos de *manualidade* o modo de ser do instrumento em que ele se revela por si mesmo. O instrumento está disponível para o manuseio, em sentido amplo, unicamente porque todo instrumento possui esse ‘ser-em-si’ e não simplesmente ocorre”³.

Na manualidade o instrumento se revela por si mesmo. A essência da manualidade aparece no modo de ser do instrumento em que acontece o “fazer”, o vir a ser de mão. O instrumento não é simplesmente uma ferramenta entre outras, uma coisa em meio a outras coisas. Instrumento é o que serve para fazer-se alguma coisa. A partir desta serventia, ele, o instrumento, assume múltiplas características: de cortar, de bater, de furar, de carregar, de pintar, de escrever, de descansar, de matar etc. Precisamos agora explorar o ser do instrumento para nos aproximarmos do fenômeno da manualidade e suas ramificações. Entendemos este ser a partir da expressão “ser-para...”. O instrumento é *para* esta ou aquela aplicação. Aquilo com o que nos ocupamos (o manual) detém esta estrutura. Nisso também se revela um outro aspecto desta essência, a conjuntura, em que a possibilidade de “*um* instrumento isolado”, como instrumento, “é impossível”⁴. Não há primeiro uma *pre-sença*, depois uma ação, e depois um lugar ou um objeto sobre o qual a ação é feita. O ser do instrumento, como “ser-para isso”, remete para uma conjuntura, uma totalidade instrumental onde acontece uma dinâmica de remetimento.

4. A manualidade em sua instrumentalidade

Toda lida está sempre circunscrita a um mundo de possibilidades ocupacionais. Ela é sempre localizada. Ela é, como modo de ser da *pre-sença*, que é ser-no-mundo, ação direcionada no mundo. Com o que se lida dentro do mundo? Com

³ Ibidem, § 15, 111.

⁴ Ibidem, § 69 a, 152.

as coisas, com os entes. O ente não aparece como “coisa” destituída de conjuntura, mas como manual que atende cada vez ao modo de ser da mão, à manualidade. Os entes estão ali, numa disposição que é pontual, determinada, e conjuntural. Está-se sempre, na lida, com algo à mão, e nisso com a circunscrição a que este algo remete. Este ente disponível para o uso é chamado de *instrumento (Zeug)*. O modo de ser do manual corresponde ao modo de ser do instrumento. Como é o modo de ser do instrumento? Ele caracteriza-se pela *remissividade*. O instrumento é sempre instrumento *para* alguma coisa. Ele é *algo para (Um-zu)*. Mesmo quando não serve para nada, ele é, então, *para* nada. No uso o instrumento revela toda uma conjuntura, o fato de se encontrar sempre numa gama de relações. No modo do instrumento os entes se mostram como sendo para isto ou aquilo. Sendo algo para, o ente remete para... outros entes, outras situações, outras possibilidades... Desta forma o instrumento nunca “é” algo em si. Ele não é um ser que simplesmente ocorre independente de conjuntura. O instrumento não está à disposição como coisa isolada. Sendo, ele é para... Mesmo quando encontramos coisas isoladas, objetos em si existentes, não podemos ignorar que, para compreendê-los, servimo-nos “sem querer” de remissividades e, a partir disto, sem mais, podemos nomear estas coisas como pedras, plantas, animais, objetos de uso, objetos de culto etc. O particular é encontrado a partir de noções gerais. No entanto, esconde-se nesta atitude o essencial, o ser da particularidade, a dinâmica do ente enquanto ente ou, aqui, do manual como estando à mão. Se seu modo de ser é ser sempre para, apontando para uma totalidade instrumental, como é este caráter de remissividade, de ser-para?

A manualidade se caracteriza pela instrumentalidade. No uso das coisas aparece esta codependência de mão e de ser-para... A partir do uso e manejo é que o instrumento é o que é; é a partir de determinado canteiro de atividades que ele retira seu ser. No uso o instrumento é usado em determinado contexto. Sendo contextualizado, ele se revela em seu aspecto de ser-para... Deste contexto ele retira seu ser, porque a mão enquanto ação é já sempre contextualizada, inserida numa possibilidade. Tomemos como exemplo determinado instrumento, uma “caneta”. Ela é para... escrever. Escrevendo, desdobra-se um modo possível de serventia, ou de manuseio, do instrumento. O instrumento aparece em seu ser. Nesta serventia percebemos que o instrumento-caneta está para um conjunto de outros entes que lhe dizem diretamente respeito, que aparecem no contexto deste uso: o papel, o corretor, a mesa, o caderno, livros, o quarto etc. Um ente refere-se a outro. Há sempre referências. Mas ela também pode ser para... presentear. Presenteando, aparece todo um outro contexto de remissividades: um aniversário, alguém, outras pessoas, outros presentes, o papel, mesmo quando é branco, já não é o mesmo que era para escrever etc. Esta remissividade só é possível a partir da instrumentalidade do instrumento, da serventia do instrumento-caneta. Os outros entes se mostram no uso, a partir do ser do instrumento como ser para... O que é a caneta? Ela não é uma coisa em si, anterior à serventia. Ela é para... E nisto ela se mostra como o ente que ela é, isto é, em seu ser. Nova serventia, novo contexto, novo *aparecer* de entes. Sendo para... é a ação da mão. Escrevendo, presenteando, defendendo, pintando etc., devem ser vistos como serventias diferentes e, como tais, como contextos

distintos onde aparece cada vez o ser do instrumento como ser para isso e, nisso, entes característicos. Então o que aparece segundo o modo de ser do instrumento nunca é algo isolado em si, para depois compor, por aglutinação, um conjunto e preencher algum espaço, como por exemplo, um quarto, uma sala, o planeta etc. Antes de qualquer “instrumento em si”, já sempre aconteceu uma totalidade instrumental, como um mundo que torna possível um conjunto de remissões. O instrumento como coisa em si (um martelo, uma caneta, uma pá) somente aparece quando a ação reveladora de remissões, a manualidade, é desconsiderada, é esquecida em prol de um outro modo de ser.

Sendo, isto é, na lida com o manual intramundano, o instrumento descobre o modo adequado de usar e de ser usado. Na lida tudo se decide. Ali o instrumento se revela por si mesmo. Não é uma explicação teórica que diz o que é o instrumento e como ele é. É usando que se aprende a usar, a pegar adequadamente algo, a perceber se algo serve ou não para determinada atividade. O uso é que detém esta autoridade. A manualidade aponta para o já estar à mão de todo instrumento. Ser para isso, significa: o instrumento é o que é numa determinada atividade, numa determinada situação da *pre-sença*. Mas não como coisa em si. Usando, a *pre-sença* se direciona para determinado contexto de afazeres. Neste sentido o instrumento, enquanto modo de ser, já está sempre à mão. Instrumento e *pre-sença* se pertencem. O instrumento remete ao próprio modo de ser da *pre-sença* que, como disposta e lançada, é sempre para um mundo de afazeres.

O “si mesmo” do manual, o caráter de instrumento de todo manual, não pode ser compreendido como um ente que simplesmente ocorre. Ele não é uma qualidade interna ou externa, imutável ou mutável que é acrescida ao manual. O manual também não é coisa ali existente, no sentido em que a tradição filosófica utilizou este termo, isto é, como um ser dotado de uma substância que permanece imutável em todas as suas variações. O ser do manual é aquilo que o manual é cada vez, lidando. A única coisa que se “mantém” na lida é a própria possibilidade de... lidar, presente no modo de ser do manual como ser-para. O ser do manual aparece radicalmente na medida em que o ente, o manual, *desaparece* como coisa que simplesmente ocorre. Quanto “mais” estamos lidando, mais desaparecem as “coisas” com que lidamos. Com isso se quer dizer: o manual é verdadeiramente em si mesmo na medida em que *não é* experimentado como isso ou aquilo, como uma coisa que está à disposição para ser usada (caneta, martelo, carro, avião etc.). Experimentamos o manual na medida em que as “coisas” se encaixam de tal maneira no manuseio que delas não nos damos conta. Isto é, usando, esquecemos as coisas. O ser do manual é este ocultamento. No esquecimento do uso fazemos a experiência da ausência das coisas como “coisas em si existentes”. Este esquecimento não é nada de reprovável, mas exatamente a manutenção e descoberta da atividade manual segundo o vigor da ação. As coisas são como que absorvidas na experiência, no fazer, que as origina. Ali elas se mostram como são, isto é, como não-coisas, como ausências, como entes segundo o modo do instrumento. O que aparece nesta

ausência do ente como “coisa em si”? Nesta absorção dá-se o encontro radical da mão com o instrumento, de tal forma que, encaixando-se na lida, mão e coisa tornam-se um único movimento, são um só, unidade de ser e mundo.

Abordando a manualidade e os instrumentos descobertos pela mão, não estamos privilegiando uma determinada categoria de coisas, como os instrumentos para cultivar, ou para fabricar cadeiras, instrumentos primitivos de produção etc. A manualidade é o “jeito” primordial da *pre-sença* ocupar-se em seu mundo. Como “jeito”, já sempre pertenceu ao ser da *pre-sença*. No convívio com as máquinas, tanto antigas quanto modernas, a *pre-sença* também é segundo o modo da manualidade. A lida não elege coisas para usá-las nem ocupações específicas. A instrumentalidade é o modo primeiro de encontro com os entes. Neste encontro os entes não são “coisas”, mas são para... Lidando, os entes aparecem no que são e como são.

Nas próprias coisas construídas pelo avanço técnico, o caráter manual da *pre-sença* está também presente. A característica manual que está aí, está *encoberta*, isto é, não é percebida de imediato e nem carece disso. Aliás, na medida em que o instrumento é tanto mais instrumento quanto menos aparece, pois ele é para, ele é também o que permanece oculto em todos os afazeres. Se, de início, o que aparece para nós são as coisas como coisas criadas, fabricadas, “em si”, no uso com estas coisas, o que se deixa ver é exatamente o caráter de não-coisa que pertence a todo ente. A “coisa” vai desaparecendo na medida em que a experiência com as coisas, a lida, vai se instaurando. A experiência da lida ultrapassa então a distinção superficial de um sujeito e de um objeto, de uma *pre-sença* que veja uma coisa em si. Nesta situação, onde se faz a experiência do que pertence à mão segundo o modo do instrumento, aparece o sentido em que a ocupação manual é mais originária do que a científica, por exemplo. Nela os entes não são vivenciados como “coisas”.

“A perfeição do invento confina assim com a ausência de invento. E assim como, no instrumento, toda a mecânica aparente se foi pouco a pouco sumindo até que ele se fizesse tão natural como um seixo polido pelo mar, assim também é admirável como o uso da máquina nos faz, pouco a pouco, esquecer a máquina”⁵.

O que está à mão não pode ser apreendido teoricamente, porque seu modo de ser não aparece como algo que possa ser visualizado por uma subjetividade, e então fixado em leis para todos. O manual, neste sentido, é inacessível à teoria que se coloca num lugar fora da experiência da lida. É preciso que a manualidade seja desconsiderada, enquanto modo primordial de ser da *pre-sença*, para que a teoria científica apareça. Se o modo do que está à mão como ser para algo não for mais o determinante, então torna-se possível o aparecimento das coisas como “coisas evidentes”. Mas isto fará apenas com que a manualidade seja colocada num segundo plano a partir de um novo modo de ser. E isto também quer dizer: ela, desconsiderada, permanece como pressuposta.

⁵ ANTOINE DE SAINT-EXUPERY, *Terra dos homens*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, 47.

Mas a manualidade detém sempre uma teoria, isto é, uma visão acerca de si mesma. Já apontamos nesta direção. Determinada ação, sendo para... numa conjuntura, já anteviu como pegar as coisas.

5. *Manualidade e circunvisão*

A manualidade não conhece primeiro o ser simplesmente dado, alguma coisa em si existente, para depois usá-lo em determinada direção, intenção, objetivo etc. Ela não é uma qualidade subjetiva de algum sujeito já posto. A manualidade (*Zuhandenheit*), como ser-para, é de uma “acessibilidade imediata”. Nela a *presença*, a lida e com o que se lida, acontecem fenomenalmente num único instante. A obviedade do ser simplesmente dado, de que ele já é algo em si, não é conhecida pela lida. E isto não é preciso. Pois na lida o que impera é que algo somente “é” sendo para... Este horizonte da lida já pré-orienta todo “conhecimento” que a ação manual possa desenvolver.

Nas ciências positivas acontece algo diferente. Nelas já aparece algo como dado, o ser simplesmente dado, ou talvez, melhor dizendo, cada ciência já conta antecipadamente com algo dado para poder, sobre esse dado, descobrir-construir seu objeto. Somente *então* o que é dado é para... Ocorreu uma modificação no ser-para que equivale a uma transformação. Na manualidade, anterior ao ser simplesmente dado das coisas, a lida já detém seu próprio conhecimento, sua própria apreensão da realidade. Lidando, o usado se mostra em seu ser. Antes da lida, nada há. Há “apenas” a possibilidade de toda lida. Lidando, a *presença* detém um certo conhecimento de si mesma, de suas possibilidades de ação em seu mundo, de seu cuidado etc. Neste sentido é importante perceber, a título de exemplo, como o artesão conhece seu trabalho e seus instrumentos que estão à mão. Ele não os conhece como coisas, mas como o que serve *para* isto ou aquilo. E mesmo aqueles instrumentos que estão à parte, que não estão no uso imediato de determinado trabalho, estão como que ali, à disposição numa circunvisão. Por meio desta circunvisão, eles estão pré-sentes na conjuntura da lida.

“O modo de lidar com os instrumentos no uso e no manuseio, porém, não é cego. Possui seu modo próprio de ver que dirige o manuseio e lhe confere uma segurança específica. O modo de lidar com instrumentos se subordina à multiplicidade de referências do ‘ser-para’ (*Um-zu*). A visão desse subordinar-se é a *circunvisão*”⁶.

Circunvisão (*Umsicht*) é a visão orientadora mais ampla e geral que toda *presença* tem de si mesma e da lida em que se encontra. É desde esta visão prévia da totalidade ocupacional, das remissões e do destino de toda lida, sempre disponível, que a mão encontra o instrumento adequado para fazer isto ou

⁶ HEIDEGGER, *op. cit.*, § 15, 111.

aquilo, que a mão recusa outro instrumento, sente que o instrumento é adequado ou não, que quebrou, que está faltando etc. Mesmo quando determinado uso é interrompido, isto ainda não quer dizer que o modo da manualidade se dissipou, deixando aparecer uma outra possibilidade de ser, como a científica, por exemplo. O comportamento científico não deriva da manualidade no sentido de uma seqüência evolutiva. A manualidade possui o seu modo de ver, planejar, organizar, fazer, a partir do uso e para o uso. Mas este ver não se assemelha a algum “planejamento prévio” de como se deveria agir antes de uma ação ser efetivamente executada. A estrutura da manualidade nos mostra que não existe um momento anterior em que não há uso algum, para depois aparecer uma ação. Esta separação, em que haveria um momento de inatividade e outro de atividade, esta separação entre uma teoria e uma prática, é *a posteriori*, e desconsidera o modo de ser da manualidade. A *pre-sença* já está sempre num uso, numa ocupação, “teórica ou prática”, que é sempre, em primeira instância, “manual”, teórica e prática, antes de qualquer “conceito ou idéia” que uma subjetividade, que alguém, possa formular.

Determinamos a manualidade como sendo o modo de ser primeiro da *pre-sença*, em que este ente é essencialmente “prático”, isto é, atido ao uso, ao manejo, à lida. No entanto, a ausência de teoria nos moldes da ciência, como já acenamos anteriormente, não designa uma cegueira do manual. Vigora no estar à mão uma “visão” que conduz a mão, que lhe dá direção e segurança. Esta visualização preliminar a todo estar à mão, e que aparece no “para”, e que assim subordina e orienta seu ser, suas remissões, recebeu o nome de circunvisão. Esta visão não ocorre nem “anteriormente” nem “posteriormente” à atividade manual, se compreendermos estes momentos como estados temporais em si existentes. No entanto, a circunvisão abarca todo anterior e todo o posterior no instante da ação. *Também* aqui já está presente uma compreensão de tempo distinta da das ciências positivas. Por mais estranho que possa parecer, levando em conta o fenômeno da manualidade, é impossível uma ação num aqui e agora se já não houvesse simultaneamente uma pré-compreensão do antes e do depois. Mas não estamos nos contradizendo? Não. É que, na lida, sendo, todo o tempo já aí está. Em *Ser e tempo*, o ser e o tempo mantêm uma unidade vital. Se não fosse assim, seria impossível uma certa continuidade da ação que conseguisse incorporar todas as possíveis alterações pertinentes a qualquer atividade. Na circunvisão encontramos a “teoria” do manual. Por meio desta teoria, a ação manual se orienta, atendendo ao que deve ser realizado. Esta visão da circunvisão tem o caráter de uma visão prévia, isto é, a *pre-sença*, na atividade manual, já sempre viu como se mover em seu canteiro de atividades possíveis, já entendeu previamente as regras e a “lógica” interna deste modo de ser. Pertence, então, também à circunvisão manual uma visão cada vez mais abrangente de seu campo de ação, por meio da qual a ação já sempre obteve previamente uma visão do conjunto da atividade em andamento.

De forma diferente, o comportamento teórico-científico propõe-se a revelar e descobrir, construir o ente, independente de seu caráter antecipado de remissividade, pois o que importa na construção do ente-objeto é a descoberta

de novas possibilidades, agora racionais-subjetivas, de remissão e utilização. Este comportamento parte do princípio de que o ente estava encoberto, e de que sua tarefa é descobri-lo, “vê-lo”. Desta forma, já de saída a ciência, oculta para si mesma algo essencial: de que, para ver, é preciso, de alguma forma, *já ter visto*. Ela não pode des-cobrir um nada. Isto significa que o procedimento científico desdenha o estrato primário desde onde se dá o encontro fenomenal de *pre-sença* e mundo, desde onde o ente, pela primeira vez, vem a ser. Ou seja, o acontecimento prévio do ente, na ciência, é desdenhado. No entanto, este acontecimento, desconsiderado pela ciência, não é ignorado de todo, pois é sobre ele, como algo pressuposto (e, consequentemente, não pensado explicitamente), que ela trabalha. Este acontecimento é aquilo com o que a ciência, necessariamente já conta. A ciência, como um modo possível de ser-no-mundo, já sempre anteviu o ente que pretende “ver” por meio de seu processo objetivante. Mas esta visão deve, necessariamente, permanecer impensada, não questionada pela própria ciência, para que possa investigar seu ente temático. Desta forma, o método aparece como o modo sempre adequado e original para poder ver o ente “pela primeira vez”. A ciência não percebe que, por já ter visto, converte o método numa forma de interpelação do ente: ele deve se mostrar como já foi pré-visto pelo procedimento metodológico-científico. Na manualidade, no entanto, manual e circunvisão conservam uma outra textura.

Pois bem, na circunvisão percebe-se que a manualidade detém um certo saber de si mesma. Saber que não é uma propriedade de um sujeito. O manual tem sua própria teoria. Nele “(...) a mão treinada ‘vê’ (mão de um artista, de um artesão, que manuseia seus instrumentos com paixão) mais rápida e delicadamente do que o olho e o cérebro”⁷.

No uso e manuseio, a mão sabe o que procura, como segura algo, como recusa ou aprimora etc. O manual nunca é um ente sozinho. Ele é sempre referindo-se a um todo instrumental. Neste ser em conjunto, neste já sempre dispor de uma direção, percebemos que o manual não é cego. Todo uso como que obedece a essa visão. A circunvisão é essa visão de conjunto de que dispõe o manual e que dispõe do manual. O manual já sempre a tem. E ela, como que já tem sempre o manual em seu ser. O “ter” de ambos não se refere a uma possível propriedade, mas a uma unidade fenomenal.

A circunvisão, como visão da manualidade (que a lida sempre já detém), constitui-se como uma “apreensão não-intelectual” do que vem ao encontro. Pertence essencialmente à lida a percepção como visão de conjunto. Quando a lida é interrompida, a ação entra em si mesma e, pela circunvisão, explora agora as possibilidades novas que se abrem. Neste sentido a circunvisão é descobridora. Pois ela abre novas possibilidades para a lida. Essas novas possibilidades podem adquirir aspectos, como voltar para uma determinada ação que foi interrompida, abandoná-la para fazer outra, modificar este ou aquele aspecto que

⁷ GEORGE STEINER, *As idéias de Heidegger*, São Paulo, Cultrix, 1982, 78.

perturbam a atividade, trocar determinada ferramenta, consertar uma ferramenta, inventar uma nova etc. Tanto na aparente interrupção quanto na continuidade, a lida, ela mesma, é preservada. Mais: a alteração, a mudança de direção é experimentada pela lida com familiaridade. É que a lida não se detém diante de uma possível inatividade surpreendendo-se, questionando. Ela não tem necessidade disso, pois sua prática já é sua teoria. Quando isto acontece, já está atuando uma nova possibilidade de ser da *pre-sença*, sempre possível, e que não cabe aqui abordarmos. A lida sempre já sabe o que fazer e como fazer.

6. Manualidade e obra

A lida já detém uma visão de si mesma. Esta visão orientadora já é sempre antevisão de um trabalho em curso, a obra. Da mesma forma que os momentos anteriores, também “a obra... possui, por sua vez, o modo de ser do instrumento”⁸. Em todo fazer, em todo usar, a obra ocupa um lugar especial. Em todo “ser-para” encontramos um “para quê” que é um “porquê” e um “para onde” todo trabalho manual é encaminhado. Lidando, o uso apropriado de cada instrumento aparece, porque algo está em curso, algo está vindo a ser. A própria circunvisão vê sob orientação do que está vindo a ser e que previamente a influenciou. O canteiro de obras, onde a obra está em processo de construção, é sempre o contexto, o ambiente, desde onde o manual encontra seu lugar à mão como ser para isso ou aquilo.

“Pertence à essência da função de descoberta de cada empenho ocupacional no mundo imediato das obras a possibilidade de descobrir, segundo cada modo de empenho, o ente intramundano evocado na obra. Isto significa: descobri-lo nas referências constitutivas da obra, em vários graus de explicitação e em diferentes envergaduras de aprofundamento da circunvisão”⁹.

O ente com que se lida não pode ser descoberto-compreendido fora da lida nem desconsiderando o para-quê se lida, ou seja, a finalidade que convoca, reúne e explicita o modo próprio de ser do ente intramundano. Trata-se da obra. Lidando, a ocupação leva antecipadamente em conta a obra.

A obra como para-quê pode ser entendida como o contexto de encontro, o lugar de encontro, e também de desencontros, de conflitos, que ocorrem em toda atividade. A *pre-sença* é ser-no-mundo. Ser-no-mundo é estar inserido, comprometido, engajado. Só a *pre-sença* existe em semelhante disposição. Todo outro ente só tem seu “valor” a partir desta situação prévia da *pre-sença*. Mas o que orienta toda possibilidade de encontro (e de desencontro como variação possível de encontro)? Encontrar é estar numa remissão. Em todo afazer, que é essen-

⁸ HEIDEGGER, *op. cit.*, § 15, 111.

⁹ *Ibidem*, § 15, 113.

cialmente um ser “para algo”, algo está em obra. Em toda ação, algo está se concretizando como isto ou aquilo. A possibilidade de remissão é sempre possibilidade de encontro. Assim, a obra já está presente desde o começo na manualidade, como “ser-para”, como remissão.

A compreensão do ser do manual não se dá sob a forma de algum tema explícito, já que seu espaço e tempo são anteriores à configuração de um ente como coisa dada em si. O instrumento não aparece livre de suas remissões para depois ser enviado a um possível uso *a posteriori*, passível de ser abordado por uma *pre-sença* segundo esta ou aquela intenção subjetiva. Apesar de não podermos perceber de imediato, a lida não é como um acaso. A *pre-sença*, lidando, já está sempre sendo orientada por uma visão do conjunto de remissões que pertencem à instrumentalidade do instrumento. A *pre-sença*, ali, detém sempre uma compreensão de si mesma e da ação em que está envolvida. Do contrário, isto é, sem esta visão prévia, *como poderia ela agir, isto é, ser ação?* No próprio escrever se revela a caneta que, paradoxalmente, é mais caneta na medida em que desaparece como coisa-caneta para aparecer seu caráter de instrumento, de ser-para, obediente à ação de escrever. O instrumento, desaparecendo, faz aparecer no “para”, que lhe é característico, a obra, o para quê (*wozu*) algo é usado, é feito, é produzido etc. É desde a ação que a obra pode ser antevista como o que orienta todo afazer. Melhor: desde a ação, a obra mesma se mostra como a própria ação. Desta forma a obra não pode ser compreendida como uma finalidade previamente planejada por um sujeito. Isto só será possível quando ação e obra forem compreendidas como momentos distintos e opostos. Não é aqui o caso. A caneta é usada para escrever uma carta, artigo, desenho, rabisco etc. Talvez ela nem seja usada para escrever, mas para presentear ou se defender de um inimigo... Os diferentes verbos, que expressam diferentes afazeres, mostram cada vez a obra em questão.

No “para” aparece o destino de toda lida. O destino é o interesse da *pre-sença*, para o que ela desde sempre já foi lançada num mundo de remissões. Fazendo isto ou aquilo, a *pre-sença* não faz qualquer coisa. Aliás, “qualquer coisa” é alguma coisa. Fazendo, todo fazer está sendo pré-orientado por um destino. Este destino, finalidade, não tem a forma de um produto pré-planejado que deve necessariamente aparecer ao fim da linha de montagem. A obra, como “ser-para”, significa que a mão leva a cabo algo. Que a mão é cumpridora de um dever. Que na ação, que é ser “mão”, não há acaso, mas um ordenamento do mundo. E que ela não pode não ser atenta a isto que ainda não é. A *pre-sença* é toda atenção, em todo fazer, ao que vem a ser. Como a mão sabe ir às coisas? O fato é que ela já sempre sabe, como condição de possibilidade de todo “pegar”. Ser mão já é, de alguma forma, saber. Este saber não se confunde com nenhum saber que um sujeito possa ter acerca de um objeto.

A idéia de obra é extremamente desconsoladora, pois a *pre-sença* tem dela um “saber” que não é um saber explícito que algum sujeito possa ter. Isto é, este saber acerca de uma direção não compõe nenhum saber “claro e objetivo” em que o “fim” é antecipado e o processo para este fim é previamente planejado e

controlado em suas partes por um sujeito para que não haja enganos ou desvios. A obra, o destino da *pre-sença* apresentado na manualidade, não é alguma forma de “certeza”. Ali acontece uma inversão de fundo, em que a vontade de uma subjetividade deve ser abandonada, pois esta altera a compreensão do movimento primário do ente vir a ser ente expresso pela manualidade. A subjetividade não tem condições de compreender, a partir de sua certeza positiva, que “ser subjetivo” já é um modo de atender a um destino que está em curso. Ou seja, a possibilidade da subjetividade é já sempre dependente da estrutura fundamental da *pre-sença* apresentada aqui como a manualidade.

O manual deve ser apreendido segundo o modo de lidar cotidiano. Este não capta o ente como coisa. Mas o capta já sendo direcionado desde algo e para algo, desde a obra. A obra possui também o modo de ser do instrumento, isto é, de algo-para-algo. Pois obra é o que se põe sempre a caminho numa ação, como o que já foi antevisto por uma visão do conjunto de remissões de uma ocupação, e para onde todos os atos dependentes de determinada ocupação devem conduzir. A obra é o anterior que orienta todo o “jeito” dos afazeres e, assim, é igualmente o posterior para onde a lida se direciona, e que está vindo a ser, desde onde todos os afazeres retiram seu sentido. E, assim sendo, é também a atualização, a presentificação de toda ação. Pois não há o atual, aqui e agora, sem uma direção, um “para” orientador.

Com a caneta escrevemos uma carta. A carta remete a um destinatário. Mas não só isso. Remete também ao papel, à celulose, ao processo de produção, à natureza. Toda uma gama de entes são revelados, são descobertos na ocupação. Mas não o são como entes simplesmente dados. Não o são previamente no sentido de primeiro já existirem coisas para depois haver qualquer forma possível de relação. A *pre-sença* descobre os entes na lida, onde eles vêm ao encontro. E nisso é o fenômeno do mundo que vem ao encontro nos entes intramundanos com o que a *pre-sença* se ocupa primariamente.

O “para quê” não tem aqui um sentido utilitarista ou funcionalista, que terminaria quando o objetivo fosse alcançado. Pode-se sem dúvida, planejar e desenvolver os meios para alcançar determinado objetivo. Mas o mais importante, a obra, não se exaure. A mão sempre dispõe de direção. Seu ser-para não é vazio. É ser para algo. A obra não está decidida previamente por alguém. Ela, antes, é que decide, orientando cada vez sua própria execução. Isto demonstra um aspecto fundamental da *pre-sença* em seu lidar com o mundo: ela nunca está pronta, acabada. Mas em todo fazer está em jogo seu ser. Em todo fazer ela se perfaz. A *pre-sença* não simplesmente almeja algo para fora de si mesma, como uma tarefa a realizar. Em toda obra é ela que se põe em obra, que se fabrica. Assim, ela é transcendência. A essência da *pre-sença* (Dasein), como existência, é sempre um movimento de engajamento, em que este ente “sai” continuamente de si mesmo (uma situação em que está e que larga), para além de si mesmo (uma situação nova, possível), para chegar inevitavelmente a si mesmo. Como é possível largar algo “dado”, uma situação determinada, em prol de uma outra situação, se a própria possibilidade de largar em prol de... não fosse igualmente dada como “possibilidade” para a *pre-sença*?

A obra, o para-quê, é o que é levado *previamente* em conta em toda ocupação. “Nos caminhos, ruas, pontes e edifícios, a ocupação descobre a natureza em determinada direção”¹⁰. A manualidade não descobre a natureza como “dispersão”, como “nada”, mas sempre como obra em andamento, como atendendo a uma direção na qual a *pre-sença* está engajada. A obra designa as múltiplas direções que a ocupação pode tomar. Lidando, a *pre-sença* descobre o ente como o que pode ser usado para isso ou para aquilo. Usando, o ser do ente usado, o manual, aparece como o que, justamente no uso e apagado como coisa em si, exerce seu ser. Sendo, ele é somente para... . Neste “para” reside o caráter transcendente da própria *pre-sença*. De acordo com a idéia de obra acima elencada, transcendendo, a *pre-sença* se constrói a si mesma. Fazendo, ela se faz. Ela é sua própria obra. Em todo este jogo de remissões, orientadas por uma circunvisão do conjunto instrumental e, simultaneamente, de uma antevisão da obra em andamento, está presente (e isto já foi, em parte, explicitado) uma compreensão primária do tempo. O espaço de jogo das atividades manuais ocorre no tempo da manualidade, no tempo do fazer. Como podemos compreender este tempo, o tempo da ação?

7. Manualidade e futuro.

Almejamos aqui a uma pequena explanação do tempo da manualidade, o tempo da ação. Para tanto usaremos, de início, uma citação de Ortega y Gasset, que está bem sintonizada com o que trabalhamos até agora.

“Queira-se ou não, a vida humana é constante ocupação com algo futuro. Desde o instante atual nos ocupamos do que sobrevem. Por isso viver é sempre, sempre, sem pausa nem descanso, fazer. Por que não se reparou em que *fazer*, todo *fazer*, significa realizar um futuro? Inclusive quando nos entregamos a recordar. *Fazemos* memória neste segundo para lograr algo no imediato, ainda que não seja mais que o prazer de reviver o passado. Este modesto prazer solitário se nos apresentou há pouco como um futuro desejável; por isso o *fazemos*. Conste, pois: nada tem sentido para o homem, senão em função do porvir”¹¹.

Agindo, pondo mãos à obra, a *pre-sença* atende a algo que quer vir a ser, uma obra. Agindo, ela está concretizando um futuro. O fazer é assim, como pré-condição de todo movimento, de toda ação. Em todo ir às coisas, em todo lidar, há inevitavelmente a presença de um futuro que quer se atualizar. Os diversos interesses que uma *pre-sença* possa ter, já são sempre a presença de um futuro. Não é necessário que uma *pre-sença* tenha isso explicitado para si. A própria manualidade não necessita de nenhuma racionalização do tempo. Na ação, como

¹⁰ Ibidem.

¹¹ JOSÉ ORTEGA Y GASSET, *A rebelião das massas*, Rio de Janeiro, Livro Ibero-americano, 1962, 243-244.

vir a ser de algo, já aconteceu uma convocação do futuro. Agir já é futurar. Mas a compreensão deste tempo futuro localiza-se num estrato distinto da oposição entre passado-presente-futuro.

Na obra em curso algo está se presentificando, algo está vindo a ser. O ente privilegiado, a *pre-sença*, está sendo na obra. Seu ser é o que “dura na obra”¹². Segundo o modo de ser da lida, durar não é a presença de algo, uma substância, imutável. O que, de fato, dura, é um modo de ser, e não uma coisa simplesmente dada no tempo e no espaço. O que dura é movimento de apropriação de mundo e de si mesmo, como o que ocorre na lida.

A obra remete ao futuro (*Zu-kunft* = *zukommen* = o que vem ao encontro). Expressa assim um movimento de construção. A temporalidade tem um lugar privilegiado no ser de tudo o que é. Enquanto a tradição privilegiou o presente, o que está aí, e o interpretou como ser simplesmente dado, Heidegger desloca o centro de compreensão para o futuro, para o devir. O que ainda não é, já sempre foi desde sempre. Este deslocamento não é um deslocamento qualquer. Há uma experiência em jogo que conduz tal deslocamento. O aqui, o agora, o ser presente, o concreto, é sempre o que está a caminho desde uma possibilidade sempre determinada de ser. O presente é cristalização de um devir, pois veio a ser. Este advento de tudo o que é presente foi um atendimento a uma expectativa da *pre-sença*, a um interesse da *pre-sença*. O interesse, fenomenalmente, é o que, por um lado, antecede à *pre-sença*, pois sem ele a *pre-sença* não poderia canalizar seus esforços para sua concretização. E, por outro lado, é o que ainda não ocorreu, mas está a caminho. É o que a *pre-sença* ainda não é, mas poderá ser. No presente é o futuro que se presentifica. O futuro é o “para onde” se está a caminho. O próprio passado é passado, a partir do futuro, pois é sempre uma possibilidade de ser da *pre-sença* que possibilita o encontro com algo que passou.

Mas como se pode fazer a experiência do que ainda não é, do futuro? Ele, de algum modo, já deve estar nos acenando desde sempre. Que futuro é esse? É como a *pre-sença* já sempre foi em seu modo de ser lida. A *pre-sença* já sempre foi uma possibilidade concreta de si mesma. Sendo, ela nunca é um nada, mas já está num determinado contexto. Neste sentido, o que foi não é algum “conteúdo fatural” que já não é mais nem jamais será. Senão seria impossível a compreensão e apropriação da história e de qualquer passado. Seria impossível a descoberta de qualquer “conteúdo” passado. O que foi, o passado, é uma estrutura fundamental da *pre-sença*. Ela desde sempre já foi como sempre foi, um poder-ser, ação. Só há um passado, um antes, porque antes de toda determinação temporal – passado, presente, futuro – a *pre-sença* mesma é temporal. Então ela pode encontrar, desde si, um passado como o que passou. Mas que temporalidade é essa? É a temporalidade da atividade, da ação como poder-ser. O futuro é o “tempo” da *pre-sença*, porque ele demonstra o modo de ser deste ente como poder-ser, devir, como interesse, como estando a caminho de si mesmo.

¹² M. HEIDEGGER, Science et méditation, in *Essais et conférences*, Paris, Gallimard, 1995, 55.

A *pre-sença* aqui é convocada pelo mais essencial de seu ser (seu vir a ser, sua dinâmica de constituição e transformação) a tornar-se aquilo que sempre foi, lida. Não “outra” coisa, mas sempre a mesma. No entanto, não de modo “igual”. Pois ser é assumir-se, apropriar-se de si. A obra, remetendo ao futuro, remete ao ser da *pre-sença*, ao ente que, sendo, é sempre a questão para si mesmo.

“(...) remonta, em última instância a um *para quê* (*Wozu*), onde já não se dá *nenhuma* conjuntura, (...). O ‘para quê’ (*Wozu*) primordial é um estar em função de. ‘Em função de’, porém, sempre diz respeito ao ser da *pre-sença* que, sendo, está essencialmente *em jogo* seu próprio ser”¹³.

Lidando, a *pre-sença* existe. Pertence ao seu ser, como um poder-ser, ter de sempre assumir seu envolvimento como “seu”. Cada *pre-sença* tem sua existência como tarefa sua. Este contínuo movimento é finito, porque é limitado, situado e engajado numa certa conjuntura. Na lida, a *pre-sença* está sempre numa direção, que não é “qualquer” direção. A *pre-sença* está sempre ocupada, fazendo algo. É certo que por meio deste “sempre” quer-se indicar um modo constante de ser da *pre-sença*. Uma “durabilidade”. Como é isto? Mas o que significa este “sempre”? Significa, e isto nos interessa, que seu ser não é nenhum estado já completamente realizado-atualizado de si mesma. Não é nenhuma coisa nem situação simplesmente dada. “Sempre” apresenta uma contínua tarefa de ter de sempre assumir, construir, seu ser como seu. Assim é sua essência, a existência. A *pre-sença* não exauriu nem pode exaurir suas possibilidades de ser. Ela é, segundo Heidegger, poder-ser, possibilidade. Mas o que motiva o destino da *pre-sença* de sempre ter de estar a fazer, de sempre ter de se haver com seu próprio ser? O que motiva seu ser de sempre ter de ser ação? Sua própria constituição de ser como poder-ser, como possibilidade. “Mais elevada do que a *realidade* está a *possibilidade*”¹⁴. A vida da *pre-sença* é o possível, o ter sempre de fazer de novo, e não o já feito, o já pronto. A partir disso, de maneira um tanto breve, já podemos antever a compreensão do tempo da lida em questão. O tempo da lida é o tempo da ação como possibilidade de ser de cada *pre-sença*. Em fazendo, um determinado modo de ser possível encontra concretização. Mas não apenas o ser daquilo com o que se lida, mas também o ser de quem lida. E o possível é o que “sempre” está previamente sendo em cada ação. É o tempo da possibilidade, do poder-ser, da ação que almeja somente ser-ação. O futuro já está presente no ser da *pre-sença* e, conseqüentemente, em todo agir, como o ser aqui e agora de possibilidades. De tal maneira que o futuro não corresponde, na ação, a uma propriedade acrescida ao ser da *pre-sença*, mas é seu ser mais próprio como possibilidade de ser. Desde o ponto de vista da lida, o que justifica todo movimento, toda alteração, todo ir às coisas, é essa temporalidade, que corresponde ao ser da *pre-sença* apresentado como poder-ser. Assim, este tempo futuro necessita cada vez, como a manualidade, ser pensado num plano diferente da oposição corriqueira entre passado-presente-

¹³ HEIDEGGER, *Ser e tempo*, § 18, 129.

¹⁴ *Ibidem*, § 7, 69.

futuro. Pois este tempo, o futuro, redime toda compreensão corriqueira de homem, tempo, ação e mundo devolvendo-os ao seu princípio dinâmico, à sua vida: a possibilidade.

Além do futuro ser o tempo da lida, este futuro também abre uma nova possibilidade de compreensão da *pre-sença*. Esta possibilidade opõe-se, em seu modo de ser, às compreensões substancialistas da tradição filosófica, que sempre expressaram o fundamento da *pre-sença*, seu ser, como algo simplesmente dado. Pouco importa o nome que se dê a uma possível explicação do ser da *pre-sença*. Estas compreensões-explicações não estão equivocadas em seus “conteúdos possíveis”, mas no modo de fundo como compreendem o ser da *pre-sença*, isto é, como algo previamente dado. Assim sempre se faz um desvio, fugindo da tarefa de ter sempre que se haver com a *pre-sença*, como o ente que, continuamente, é questão para si mesmo. A compreensão da *pre-sença*, em *Ser e tempo*, encontra sua melhor expressão a partir do tempo futuro: seu ser mais genuíno é o que está a caminho, sua possibilidade de ser.

Conclusão

Nossa reflexão procurou, desde a manualidade, apresentar o ente manual como sendo “o que é para...” um outro ente, um contexto de instrumentos, um mundo. Não há um ente que exista em si, isolado do contexto instrumental. O espaço e o tempo da “mão”, nos momentos apresentados, são *a priori*, isto é, antes de qualquer percepção objetiva ou subjetiva que um sujeito possa fazer de algum ente dado. É o espaço da ação se fazendo ação. Sempre já estamos agindo na cotidianidade. Esta ação, a lida, é o estrato primário da vida. *Ser e tempo* busca investigar a dinâmica e os momentos possíveis da cotidianidade onde sempre já estamos. Nesse esforço Heidegger traz à tona as estruturas mais comuns da cotidianidade e levanta a questão acerca do ente privilegiado, a *pre-sença*. Este ente é ação descobridora dos entes intramundanos e de si mesmo. No “ser-para” reside uma dinâmica fundamental de constituição do que é, sua gênese. A partir dela procuramos, com certa liberdade, interpretar alguns existenciais – manualidade, instrumentalidade, circunvisão, obra, tempo – visando sempre uma descrição do modo de ser da lida e, simultaneamente, da *pre-sença*. Os existenciais, segundo o modo de ser-para, não são respostas prontas para a pergunta pelo ser da *pre-sença*. São antes indicações que, apontando, a apresentam em seu jeito de ser.

Não foi uma resposta o que buscamos aqui. Procuramos, antes, demonstrar um modo de compreensão-interpretação que não é científico-objetivo. Conceituando e servindo-nos de repetições, apresentamos – tendo como referência algumas partes de *Ser e tempo* – a gênese do ente manual e, simultaneamente, o modo de ser da *pre-sença*. Tratamos do horizonte silencioso do uso e manejo que é anterior à consideração de um ente como algo em si determinado, como sujeito ou

objeto, como pedra ou caneta etc. Poderíamos estender ainda mais esta descrição. Privamo-nos, por exemplo, de descrever, a partir da perspectiva da manualidade, o que acontece com o manual quando ele “quebra”, quando a ação, por algum motivo, é interrompida. Seria um outro momento, no plano de *Ser e tempo*, de demonstração da existência da *pre-sença*.

Finalizamos fazendo a citação de uma pequena poesia de Fernando Pessoa. Ela expressa, ao fim deste trabalho, o mesmo *páthos* que procurou orientá-lo. O poeta anteviu uma gama de relações possíveis anteriores a todo conhecimento objetivo. Sente também a inaptidão da consciência objetiva para a tarefa de apreensão destas relações possíveis. Mas percebe que esta variedade, este estrato fundamental, não é uma ficção, e sim algo “realíssimo”. Então, diante desta infinidade de possibilidades, expressa uma admiração, afetado pela própria emergência desta “estranha realidade”: qual é a ciência que tem conhecimento para isso?

“Verdade, mentira, certeza, incerteza...

Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras.

Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas

Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.

Bem: verdade, mentira, certeza, incerteza o que são?

O cego pára na estrada,

Desliguei as mãos de cima do joelho

Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?

Qualquer coisa mudou numa parte da realidade - os meus joelhos e as minhas mãos.

Qual é a ciência que tem conhecimento para isso?

O cego continua o seu caminho e eu não faço mais gestos.

Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.

Ser real é isto”¹⁵.

Endereço do Autor:

Rua São Sebastião, 525 Bloco 9B, apt. 201

25675-030 Petrópolis - RJ

E-mail: eciopisetta@bol.com.br

¹⁵ FERNANDO PESSOA, *O Eu profundo e os outros Eus (seleção poética)*. Poemas Inconjuntos, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, 170. *Grifo nosso*.